

PRESÍDIOS DE MULHERES SÃO ESPAÇOS FEMININOS? UMA CRÍTICA À SOCIEDADE HETERONORMATIVA

Aluna: Mariana Coelho Torres

Orientador: Dr. Augusto César Pinheiro da Silva

Introdução

A geografia brasileira, em sua maioria, ainda não reconhece a importância da condição de gênero nas análises espaciais. Os grupos que não fazem parte da heteronormatividade dominante não são reconhecidos como objeto de estudo deste campo científico. A sociedade ocidental é orientada pela valorização das práticas heterossexuais, moldando espaços e definindo territorialidades: sociedade heteronormativa [1]. Como consequência, a realidade é vivida e concebida sob esta ótica e as pessoas que se comportam de maneira diferente estão à margem da normalidade dominante. O espaço é permeado por relações de gênero e estas se ressignificam nas relações socioespaciais cotidianas. Entendemos que não há linearidade entre sexo, gênero e desejo [2] e que o espaço é vivenciado de diferentes maneiras pelos diferentes grupos sociais, não devendo haver modelos de comportamento pré-estabelecidos. Assim sendo, orientar a produção espacial sob a ótica da heteronormatividade constrói e fortalece práticas discriminatórias. A partir da concepção das relações de gênero como territorializantes, pretende-se trabalhar com os conceitos de espaço [3] e território [4] e apresentar o espaço carcerário feminino da cidade do Rio de Janeiro como recurso de análise das relações de gênero como (re)produtoras de espaço. As carceragens femininas cariocas são exemplos de espaços produzidos a partir da matriz heterossexual, as relações nestes lugares acontecem baseadas na lógica heteronormativa. Uma parte das mulheres apresenta identidade de gênero masculina e a outra identidade de gênero feminina. As presas que se relacionam afetivamente entre si, tem por obrigatoriedade a reprodução de um casal heterossexual e as que se comportam de maneira diferente da esperada sofrem consequências.

Objetivos

As dinâmicas espaciais ligadas às questões penais e de gênero e sexualidades ganham força, na atualidade, frente à necessidade de promoção da conscientização acerca da população carcerária brasileira e de políticas públicas de atenção a mulheres encarceradas. Nosso trabalho tem como objetivo principal fazer uma crítica à construção e organização espacial a partir da imposição do modelo heteronormativo. Para isto, procuramos construir uma crítica também à concepção de gênero exclusivamente ligada ao sexo e buscar, através do conhecimento geográfico, compreender como as questões de gênero e sexualidades estão ligadas à qualidade do sistema prisional brasileiro, para mostrar que, a partir destas questões, é possível melhorar as condições carcerárias no país, especialmente nas instituições que atendem a população do sexo feminino.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos para a elaboração desta pesquisa, classificada como qualitativa e executada sob observação indireta, se deram por meio de fichamento da bibliografia principal, aplicação de entrevistas semiestruturadas às ex-presidiárias e análise de fotografias e de cartas escritas por e para presas.

Conclusões

Os presídios femininos do Rio de Janeiro constituem um espaço segregador e discriminatório. Ainda que o *comportamento assexuado* seja uma reprodução da sociedade,

que naturaliza as desigualdades decorrentes das relações de gênero, a geografia não pode abrir mão desse instrumento de análise da realidade socioespacial. Esta pesquisa aponta para a necessidade de transformação dos espaços heteronormativos, através da educação em todos os níveis; das leis das diferentes instâncias do poder público; da mídia que aceite outras formas de expressão da sexualidade humana, para que possamos construir uma sociedade menos opressora. Reconhecemos o espaço como um elemento fundamental para esta mudança, é nele que esta lógica pode ser transformada, subvertida. Considerando a diversidade pela qual a sociedade atual é formada, acreditamos que uma sociedade que aceita a discriminação e naturaliza as desigualdades deve ser contestada e a heteronormatividade e as hierarquias sexuais devem ser permanentemente questionadas como verdades absolutas.

Referências

1- SILVA, Joseli Maria. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a geografia cultura brasileira. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

_____ Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. Geosul, v. 22, n.44, p.117-134, 2007.

_____ (Org.) **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

2- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. London, Routledge, 1990.

3- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2008.

4- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.